

Burocracia invade cultura da cidade

NATAL EUSTÁQUIO

O Governo do Distrito Federal parece traçar um caminho inverso ao delineado pelo Governo Federal. Enquanto FHC procura diminuir a presença do Estado em alguns setores, Cristovam Buarque sinaliza que irá reforçá-la ainda mais em sua administração.

Isto é o que se nota, pelo menos, na área cultural de Brasília. Responsável pelas atividades do Pólo de Cinema e Vídeo do DF e também da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, o governo de Cristovam Buarque prepara-se agora para atuar em novas frentes.

Esta semana, o diretor Fernando Villar e atriz Carmem Moretzsohn sugeriram ao governador a criação de uma companhia de teatro estatal em Brasília. A idéia foi bem aceita pela secretária de Cultura e Esporte do DF, Maria Duarte, que solicitou ao diretor e à atriz a elaboração de um projeto mais detalhado.

"Estamos muito interessados nesse tipo de proposta. Não só numa escola de dança ou de teatro, mas de todas as diferentes linguagens artísticas", declara Maria Duarte. Segundo ela, antes de ser aproveitado, o projeto da companhia de teatro será levado a discussão com os setores envolvidos.

Fernando Villar, no entanto, não quis detalhar o projeto. Afirmou apenas que a intenção é criar uma companhia teatral nos moldes da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. "A idéia precisa ser melhor amadurecida, para não dar margem a interpretações equivocadas. Oportunamente falaremos sobre o assunto", diz.

Estímulo — Para o diretor, a criação da companhia teatral se justifica porque Brasília abriga uma faculdade de teatro (Dulcina) e um curso de artes cênicas (UnB). No entanto, aponta ele, "não existe mercado de trabalho para esses profissionais". O diretor, contudo, acredita que a cidade sempre prestigia boas montagens.

A partir de junho, também começam os exames de seleção para o ingresso de alunos à Escola Nacional de Dança, que está sendo criada segundo projeto da coreógrafa Gisèle Santoro. A intenção é formar um núcleo de bailarinos que consti-

tuirá o corpo de baile do Teatro Nacional.

Em tese, pensa o cineasta Pedro Jorge de Castro, diretor de *O Calor da Pele*, é dever do Estado estimular a produção cultural. "Porque a cultura é o mais sólido e benéfico coesor social. É o elemento que perpassa todos os vetores, como lazer, educação, saúde...", acredita ele.

Pedro Jorge, cujo mais recente filme foi produzido com o apoio do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, diz ver apenas benefícios oriundos da presença do Estado na área cultural. "É a manifestação cultural que leva um povo a ter auto-estima; é uma forte arma defensora dos direitos e dos limites do próprio Estado", teoriza.

O cineasta, no entanto, acredita que o Governo primeiramente deveria estimular a produção cultural, para depois oferecer a infra-estrutura necessária. "O Pólo de Cinema, por exemplo, tem infra-estrutura para a produção, mas não há incentivo à criação. Precisamos também estimular a formação de platéias", pensa Pedro Jorge.

Cerceamento — O diretor acha interessante a idéia da criação da companhia de teatro. Mas alerta para o perigo do cerceamento de "quem está de fora. No Brasil, isso acontece com frequência, em todas as áreas. Precisamos dinamizar as vacas sagradas, senão o resto do rebanho não pasta", ironiza ele.

A incursão do Estado na área cultural, por meio da companhia de teatro, em princípio é vista com discordância pelo presidente licenciado do Sindicato dos Produtores de Arte e Cultura do DF, José Luiz Sóter. "É incompatível a atividade libertária do teatro com o caráter burocrático do governo", pensa ele.

O sindicalista, no entanto, acredita que a questão deve ser levada a discussão. "É uma questão delicada por causa de eventuais interferências do Estado como censor e na definição de padrões estéticos", pensa ele.

Com relação à companhia de teatro, ele pondera que as produções teatrais não ficam mais que dois ou três semanas em cartaz. "Por isso, não justificaria gastar tanto tempo numa produção para temporadas tão pequenas. O ideal seria criar mais de um grupo, ou então viajar com as montagens", sugere Sóter.

Paola Anteny



A Terceira Margem do Rio, de Nelson Pereira dos Santos, baseado em Guimarães Rosa: primeiro longa feito no Pólo